

A ESPECIALIZAÇÃO DO SUFIXO LATINO VULGAR –ARIUM

Mário Eduardo VIARO¹

RESUMO: O latim, possuía, entre seus sufixos, as formas *–arius* e *–arium*, ambas fontes do sufixo vulgar português *–eiro* e do seu paralelo culto *–ário*. As relações entre *–arium* e o diminutivo grego *–áron* mostram que, mesmo em étimos bastante pacíficos, existe claramente o fenômeno da poligênese, o que permite montar, assim, uma árvore genealógica para as formas, na qual, não raro, ocorre a convergência. Especializações de *–arium* criadas no bojo do próprio latim serão mais ou menos prolíficas, como os casos das profissões ou dos nomes de árvores, que serão transmitidos para os sentidos de *–eiro* na língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia; diacronia; semântica; sufixos; latim

INTRODUÇÃO

A transmissão de palavras ao longo do eixo diacrônico respeita uma série de pressupostos que, nem sempre são claramente explicitados nos estudos linguísticos. Não é incomum dizer que os sufixos *–ário* e *–eiro* do português são formas divergentes, provindas de um *–ariu* latino. Essa forma apocopada esconde problemas, tornando-se uma solução fácil para algo que se requer investigação mais cuidadosa. De fato o *–m* final do acusativo lexicogênico se apocopa em algum momento no latim vulgar, no entanto, isso só vale se entendermos o latim como um bloco monolítico, pressuposto que não deveria ocorrer em nenhum estudo diacrônico. Todo estudo linguístico que

¹ Professor doutor da Área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLCV/FFLCH/USP). R. Luciano Gualberto, 403, CEP 05508-900 Cidade Universitária São Paulo/SP Brasil gmhp@usp.br. Este artigo foi possível graças ao auxílio FAPESP 2009/09965-3.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

pretenda esclarecer lacunas históricas precisa prever a diversidade, por mais difícil que seja de ser localizada. O latim, por muito tempo, foi uma língua viva e suscetível de mudança e a homogeneidade do latim vulgar não deve ser visto como um dogma. Além disso, as palavras cultas em *-ário* não vêm do acusativo, mas do nominativo, pois eram empregadas por quem conhecia minimamente as declinações (o mesmo se pode falar para formas medievais semicultas com *-airo*). Resumindo: formas em *-ário* provêm dos nominativos (masculino *-arius* e neutro *-arium*) e formas em *-eiro* provêm de acusativos (masculino e neutro *-arium*). O mesmo se pode dizer das femininas: palavras terminadas em *-ária* têm tríplice origem: nominativo singular feminino *-aria*, nominativo/acusativo plural neutro *-aria* e formas geradas já em português e providas do masculino *-ário*. As formas em *-ário*, providas de masculinizações de *-ária*, são raras, mas certamente também existem. A situação se complica quando se consideram os casos provenientes de outras fontes que convergiram na formação do *-arius* latino (outros sufixos latinos foneticamente semelhantes ou terminações gregas). No presente artigo, analisar-se-á o *-arium* neutro latino. Em outros artigos (VIARO 2007, 2008) buscamos deslindar as diferenças semânticas do sufixo, pautando-nos em recentes estudos de morfologia (RIO-TORTO 1993, 2004), mas havia até então uma grande lacuna no *terminus a quo*. Esse problema ainda não foi sanado, mas um passo é dado no momento². Também a unidade que faz vermos em diferentes sincronias *a mesma língua* é, sem dúvida, convencional. Dessa forma, constatamos que a história faz parte daquilo que chamamos *língua* e que a sincronia é algo que apenas nos possibilita enxergá-la, de

² Integrantes do GMHP (www.usp.br/gmhp) digitaram os verbetes do *Dictionnaire latin-français* de E. GAFFIOT (1934), os quais foram colocados em ordem inversa. Esse trabalho de coleta foi feito em grande parte pela orientanda de Iniciação Científica Juliana Silva Lins e complementado por mim e por Maurício Ferreira de Souza. Um programa para inverter a ordem foi elaborado pela doutoranda Nilsa Areán-García. Obtiveram-se 236 palavras em *-arium* que serão abaixo analisadas.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

modo que suas relações analógicas e suas regras gerativas se tornam bastante visíveis. Além disso, a sincronia pressupõe uma variante da língua, senão nossas afirmações redundariam em falsas ou superestimar-se-ia seu escopo. Como a língua real é um todo heterogêneo de variantes diacrônicas e diatópicas, esse recorte muitas vezes também se faz necessário, no entanto, os resultados não visam à sua representação, mas, em última análise, à do próprio recorte. O mesmo problema se dá perante um *corpus*. As afirmações podem ser válidas para aquele *corpus*, mas a transcendência só será válida se, perante outros *corpora*, as afirmações se confirmarem. A indução obtida pelo *corpus* para adquirir *status* de modelo teórico dedutivo deve entender que a língua em si é diacrônica e variável. Só não o é, quando não se visa à explicação da língua em si, mas do método empregado. Nida (1949), por exemplo, considerava formas reconstruíveis pela sincronia tão boas quanto as pela diacronia, no caso de línguas indígenas³. No entanto, mesmo em línguas ágrafas, a reconstrução diacrônica é possível pelo contraste de línguas aparentadas, quando as há. Nida, porém, mais adiante, é ainda mais explícito ao considerar a história como um elemento complicador para suas análises⁴. Também a noção de significado é desproporcional com a de significante, sendo dessa forma inútil o paralelismo hjelmsleviano. Nida postula que, em Morfologia, a soma das partes não é igual ao todo (que é explicável apenas historicamente)⁵. O modelo empregado pelo GMHP separa o significado do radical, o significado do sufixo e o significado da palavra como três instâncias. Esses três significados, porém, são compreensíveis apenas

³ : *this does not mean that the reconstructed forms represent actual historical forms, but for the sake of our descriptive analysis these reconstructed forms may serve as the basic ones* (p.16)

⁴ *knowledge of the history of a situation is not necessary in describing the present semantic value of the symbols* (p. 153)

⁵ Em acordo com nossa postura, Nida (1949), porém, afirma que *meanings of recurring complex items are more than the sum total of the parts, for such a combination has its own history and acquires its own set of associations* (p. 55).

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

na instância de uma teoria da cognição humana, que tem reaproximado a psicologia da linguística nos últimos anos. No âmbito lexicológico, não há fronteiras sistêmicas para as palavras, como se verifica no fenómeno do estrangeirismo, uma vez que a transmissão das palavras equivale *mutatis mutandis* à transmissão epidemiológica. Estudar o sufixo *-eiro* passa a ser, portanto, não só o seu desenvolvimento desde o latim, mas a sua poligênese e sua difusão entre as línguas, tanto do latim para outras línguas românicas quanto do português para outras línguas românicas (ou não-românicas) e *vice versa*. Estudar a palavra como um fenómeno único, alicerçada não num sistema, mas num ordenamento natural de mudanças semânticas é o que resume o nosso método. O sistema, nesse sentido, é secundário e só faz sentido para explicar mudanças fonéticas, acomodações sincrônicas de estrangeirismos, as chamadas "visões de mundo" ou em questões como a da compreensão passiva. Dentro da diacronia do sufixo *-arium* retiramos quatro momentos sincrônicos, com a finalidade de definir melhor a cronologia das mudanças.

- *Latim-1*, trata-se de um período de dois séculos (III e II a.C.) que compreende os nascimentos de alguns autores como Plauto (254-184 a.C.), Catão (234-149 a.C.), Lucílio (160-c103 a.C.), Asélio (158-91 a.C.) e Varrão (116-27 a.C.).
- *Latim-2* equivale ao período clássico (I a.C.-I d.C.): Cícero (106-43 a.C.), Labério (105-43 a.C.), César (100-44 a.C.), Catulo (84-54 a.C.), Vitrúvio (c80-c15 a.C.), Nívio (fl c30a.C.), Virgílio (70-19 a.C.), Horácio (65-8 a.C.), Higino (64 a.C.-17d.C.), Sêneca (c54 a.C.-c39d.C.); Tito Lívio (59 a.C.-17d.C.), Múcio Cévola (?), Ovídio (43 a.C.-c17d.C.), Fedro (15 a.C.-50d.C.), Sêneca, o moço (4 a.C.-65 d.C.), Columela (4-70), Plínio (23-79); Celso (c25-c50), Petrónio (c27-66), Frontino (40-103), Marcial (41-104), Juvenal (42-?), Estácio (c45-c96), Tácito (c56-c117), Plínio, o moço (61-c112), Suetónio (c75-130) e as notas tironianas (sob Cícero).
- *Latim-3* abarca o período tardio (II d.C.-IV d.C.) com Cervídio Cévola (séc. II), Apuleio (c125-c180), Aulo Gélíio (125-180), Gaio (130-180), Tertuliano (160-220), Quintiliano (c35-c100), Ulpiano (c170-228), Comodiano (fl 250), Cipriano (?-258), Censorino (séc III), Paládio (séc. IV), Lâmpridas (séc. IV), Carísio (séc. IV), Teodoro Prisciano (séc. IV), Donato (séc.IV), Diomedes (séc. IV), Plínio Valeriano (séc. IV); Ausônio (c310-

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

395), Amiano Marcelino (c325-d391) e as digestas de Cévola (sob Marco Aurélio).

- *Latim-4* compreende sobretudo o período cristão dos séculos IV a VIII com: Santo Ambrósio (c337-397), Símaco (c340-c402), Rufino (c345-410), São Jerônimo (c347-420), Santo Agostinho (354-430), Sulpício Severo (c363-c425), Apício (séc IV-V); Vegécio (séc. IV-V), Marciano Capela (séc. V), Célio Aureliano (séc. V), Sérvio (fl 420), Gelásio (?-496), Genádio (?-496), Cassiodoro (c485-c585), Boécio (c480-c524), Fulgêncio (séc. V-VI), Prisciano de Cesaréia (fl 500), Gregório de Tours (538-594), Santo Isidoro de Sevilha (c560-c636), Paulo de Festo (c720-799?) além da Itala, da Vulgata, do Codex Theodosianus, do *Glossarium Isidori*, da Digesta Justinianum e do Codex Justinianus.

Por entre todos esses períodos estão os textos das *Inscriptiones*, do *Glossarium Graeco-Latinum*, do *Corpus Glossariorum Latinorum*, do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL), da *Scholia ad Juvenalem*, dos *Gromatici Veteres* e do *Glossarium Cyrillianum*. Uma pesquisa mais aprofundada, sobretudo na época denominada latim-4 será de grande importância para a reconstrução aqui proposta.

POLIGÊNESE DO –ARIUM

Se utilizarmos o dicionário *Gaffiot* como *corpus* do latim clássico (uma vez que, teoricamente, deveria abarcar o período de quase um milênio, entre Lei das Doze Tábuas, até a *Digesta*, embora na prática extrapole um pouco), observaremos que o conjunto de palavras terminadas em *–arium* é bastante heterogêneo com relação à sua origem. O que se afirma aqui, para esse nosso recorte, é válido, aparentemente, para todos os sufixos do latim ou do português, como se vem demonstrando em muitas orientações. A forma *marium* é um genitivo plural (*mare*) e, portanto, é uma coincidência. Tais casos devem ser retirados do *corpus*, uma vez que só fazem sentido

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

nos complexos estudos de simbolismo linguístico. O número abaixa para 235 palavras. Nomes próprios também têm *status* especial: *Apiarium*, *Barium*, *Lararium*, *Parium*, *Tyndarium*, *Vivarium*, *Vocarium*. Com exceção do primeiro, que também é um nome comum, todos os demais são excluídos. O número se reduz para 229. Respeitamos, dessa forma, os pressupostos dos estudos ontológicos que distinguem o nome próprio do comum, dada a unicidade referencial, fato incomum à maioria dos signos linguísticos. O nome próprio, rigorosamente falando, é um tipo de signo que não deve ser submetido aos mesmos modelos dos demais signos linguísticos (assim como, por outro motivo, estão as interjeições), como ocorre na Onomástica (i.e, na Toponímia e Antroponímia). Isso fica evidente quando se estudam as etimologias dessas palavras. Quando não remonta a substratos obscuros, a neologia é particularmente mais visível e, não raro, há rompimentos evidentes de formulações sincrônicas para sua fonologia. Todos os demais casos de exclusão são bem mais complexos.

Para além da polissemia do sufixo, há o fenômeno da homonímia ou homofonia, no caso do sufixo *-arium*, causada por semelhança com outros sufixos com *-a+consoante líquida*. Provavelmente, o sufixo *-arius* faz parte da mesma complexa rede sufixal mesma base itálica que gerou *-aris*, uma vez que encontramos – paralelamente a uma arcaica *coquinaris* – a clássica *coquinarius*, mas essas relações nem sempre são claras e, muitas vezes, formas com *-arius/a/um* ocorrem posteriormente a formas em *-ar/-al*.

(a) *-ar*, *-are*; *-al*, *-ale* > *-arium*: Dessa forma, há um *-arium* que provém de *-ar*, sufixo de origem distinta. Há sete casos (*pulvinarium*, *lacunarium*, *gemellarium*, *lupanarium*, *boletarium*, *laquearium*, *ansarium*). Também há o que provém de *-are* (dois casos: *collarium*, *altarium*) e de *-ale* (dois casos: *mulctrarium*, *ponderarium*). É sabido que existe, em determinadas sincronias, há distribuição complementar entre os sufixos *-al(e)* e *-ar(e)*, sendo o segundo obtido por dissimilação, evitando-se duas laterais (*menstru-alis*, mas: *lun-aris*, *sol-aris*). O motivo da convergência

sufixal entre esses sufixos e *-arium* é obscura e merece um estudo futuro mais aprofundado. Podem envolver inclusive erros de copistas. A distribuição e a pequena ocorrência não facilitam a compreensão do fenómeno. De qualquer forma, as mesmas paráfrases obtidas com *-arium* não são possíveis nesses casos e, se pensarmos, que talvez tenha sido um fenómeno comum no latim vulgar, talvez tenha contribuído para a valorização do significado da palavra, em detrimento do significado do sufixo, dando azo a muitas construções obscuras que aparecerão mais tarde, como se verá. Casos de oscilação: *torcular* (latim-2)/ *torcularium* (latim-1), *pulmentaris* (latim-2)/ *pulmentarium* (latim-1); *alveare* (latim-2)/ *alvearium* (latim-3); *nubilare* (inscr.)/ *nubilarium* (latim-1); *aquimanile*/ *aquiminale*/ *aquæmanale*/ *aquimanarium*/ *aquiminarium* (latim-4), *bacarium* "copo" (Gloss)/ *bacar* (latim-4).

- (b) *-άριον* > *-arium*: outro elemento que contribuiu para o obscurecimento da função de *-arium* foi a equivalência, motivada por semelhança fonética, de sufixos e terminações gregas. O mais importante de todos é o sufixo *-άριον*. Uma palavra como *γλωσσάριον* foi transliterada como *glos(s)arium* "glossário". Como se verá, isso deu azo a outras formações e a um significado especial de *-arium*, a saber, o de "conjunto de x". Outro caso apontado pelo *corpus* é o de *logarium*/ *logarion* "conta de pequenas despesas" (*λογάριον*). Um sentido homônimo desse sufixo é o de diminutivo: *bolarium*/ *volarium* "carocinho (na pintura)" (*βωλάριον*) e, provavelmente, *odarium* "canção" (*ωδάριον*) e *spongarium* "tipo de colírio" (*σπογγάριον*).
- (c) *-arius* → *-arium*: Algumas palavras contam com substantivos subentendidos homônimos que muitas vezes podem mudar o gênero da palavra. Dessa forma, *commentarium* ou *commentarius* aparecem como sinônimos em Cícero. Como a maior parte das palavras aqui estudadas referem-se a coisas, formas em *-arius* parecem absolutamente excepcionais (colocando-os, muitas vezes, sob suspeição de serem casos de erros à luz da ecdótica) e somente as formas em *-arium* são consideradas. Chama à atenção o fato de que a forma masculina *apiarius* é o apicultor enquanto o neutro *apiarium* é a colmeia, mostrando uma relação ainda visível entre o elemento animado e o masculino. As formas neutras em *-arium* dessa forma, jamais indicam agentes, como ocorre com as formas masculinas em *-arius*.
- (d) *-aria* → *-arium*: O sufixo muitas vezes troca de gênero ou de número. Uma forma feminina singular terminada em *-a* podia ser interpretada como neutra plural em *-a* (produzindo, assim, uma idéia coletiva) e gerar um substantivo neutro em *-um* no singular. Dessa forma, em latim-2, *arenaria* parece subentender um substantivo feminino como *via*, mas concorria com o substantivo neutro *iter*, o que justifica o sinônimo *arenarium*, usado no mesmo período. A crescente força substantivizadora de *-arium* (maior do que a de *-aria*) também auxilia os câmbios de gênero. Apenas as formas em *-arium* serão enfocadas neste trabalho. Alternando entre *-arium* e *-aria* encontram-se: *granarium*/ *granaria* (latim-1); *donarium*/ *donaria* (latim-2), *cetarium*/ *cetaria* (latim-2); *tabularium*/ *tabularia* (latim-2); *compendarium*/ *compendaria* (latim-2); *scrutarium*/ *scrutaria*.
- (e) *-orium* → *-arium*: valores locativos de *-arium* podem convergir com de outro sufixo, *-orium*, de diferente origem, fato que se torna bastante evidente perante a (rara) oscilação dos dois, como ocorre em *unctorium*/ *unctuarium* (latim-2).
- (f) *-άρος* > **arus* → *-arium*: a terminação *-άρος* tornada neutra (*siparum*) convergiu para uma forma *siparium*, que deve ser excluída.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

- (g) –αρεία > –*aria → –arium: também uma forma em –αρεία, a saber, ἀγαρεία, foi importada e entendida como –aria feminino (*angaria*) ou como plural, donde se deduziu um –arium singular (*angarium*), igualmente excluído.

Apesar das palavras acima apresentadas disporem de uma terminação homófona –arium que contribui para a complexificação do significado do sufixo, não devem ser incluídas no *corpus*, que passa a ter, assim, 209 palavras.

Algumas palavras, todavia, são o que nos resta da *fonte* de alguns sentidos de palavras criadas com essas terminações convergentes, as quais não são claros empréstimos como as acima apresentadas.

- (a) Uma palavra como *stillarium* "pequena gota" (Sêneca, o moço, latim-2), porém, proveniente de *stilla* "gota" é demonstração de que o significado diminutivo do sufixo grego se encontra já produtivo no período clássico. O mesmo se passa com *corollarium* "pequena coroa" (Plínio, latim-2), *lardarium* "pedaço de toucinho" (Not. Tiron., latim-2), *olerarium* "legumezinho" (Gloss.). Talvez também seja diminutivo o verbete *ovarium* (Inscr.), embora Gaffiot o considere sinônimo de *ovum*.
- (b) O fato de o diminutivo derivar, nas mais variadas línguas, um significado valorativo positivo (como em *filhinho*) ou negativo (como em *mulherzinha*) e, subsequentemente, esvaziar-se semanticamente de modo completo (como abonam vários étimos do *Appendix Probi* e palavras no português como *sozinho*), também é uma possibilidade. Pelo menos uma forma antiga talvez seja a primeira prova de um esvaziamento completo do sufixo: *alvarium* (Varrão, latim-1; *alvearium* latim-3), que equivale a *alvus* (latim-2) ou se ligue, mais tardiamente, a *alveare* (latim-2). O valor diminutivo desse –arium e seu derivado esvaziado é paralelo. Alguns casos de valorativos: (*p*)*tisanarium* "tisana de cevada" (← *ptisana* "cevada") (Horácio, latim-2), *cibarium* "farinha grosseira" (← *cibus* "alimento") (Sêneca, o moço, latim-2), *pap(p)arium* "papinha" (Sêneca, latim-2) < *pappa* "comida", *moretarium* "iguaria feita de ervas, queijo, alho e vinho" (= *moretum*) (Donato, latim-3), *dulciarium* "guloseima, confeitaria" (← *dulcium* "bolo") (Gloss). Outros possíveis casos de significados diminutivos esvaziados: *velarium* "cortina do teatro" (← *velum* "vela do navio") (Juvenal, latim-2); *cellarium* "dispensa" (Cervídio Cévola, latim-3), *dracontarium* "colar ou coroa em forma de dragão" (Tertuliano, latim-3), *cerotarium* "ceroto, cerol" (= *cerotum*) (Teodoro Prisciano, latim-3); *thesaurarium* "tesouro" (Cassiodoro, latim-4), *subgrundarium* "alpendre para uma sepultura de uma criancinha" (← *subgrunda* "cimalha") (Fulgêncio, latim-4), *diplomarium* "diploma" (CIL).

No entanto, é justo dizer, que, ao menos simbolicamente, o –arium¹ legitimamente latino e um –arium² diminutivo proveniente do grego –άριον formavam um todo coeso

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

que provoca a ilusão sincrônica da polissemia (tanto nos linguistas atuais quanto, provavelmente, nos falantes da época), embora, cientificamente falando, sejam apenas homônimos. Outros sentidos são *derivados* e procedem do sentido básico: *–arium*² pode ser representado por uma linha paralela ao lado da árvore – mais produtiva – formada por *–arium*². Salvo engano, *–arium*¹ não deixou traços no português, a não ser em cultismos. Por outro lado, o *–άριον* de *glossarium*, a saber, "Y que tem muitos X, conjunto de X" formou todo um conjunto de palavras: *commentarium* (Cícero, latim-2), sendo a base o particípio substantivizado *commenta* "coisas criadas, inventadas, imaginadas, feitas" (cf. sinônimo masculino *commentarius* também em Cícero, latim-2).

O mesmo significado de conjunto ocorre em *inventarium* "inventário i.e. conjunto das coisas encontradas (*inventum*)" (Ulpiano, latim-3), *itinerarium* "mapa, i.e. conjunto de caminhos (*iter*)" (Amiano Marcelino, latim-3), *eclogarium* "recolha de pequenas peças (*ecloga*)" (Ausônio, latim-4), *trigarium* "conjunto de três coisas" (Capela, latim-4, com interessante interfixo *–g–*), *hymnarium* "hinário" (Genádio, latim-4), *vitraryum* "vidraria" (Gloss), *herbarium* "obra de botânica" (Cassiodoro, latim-4).

Esse é outro sentido básico paralelo, a saber *–arium*³. Um sentido derivado desse é *bellarium* "equipamentos de guerra" (Paulo de Festo, latim-4), a saber, "conjunto de Y de X". Um curioso *–arium*⁴ derivado do empréstimo *spongarium*, acima mencionado, poderia ser uma fonte para *cynarium* "tipo de colírio" (← *cynus* "cisne") (CIL), se essa palavra não é, ela mesma, outro empréstimo.

Já a forma *coquinarius* (que gerou a palavra *cozinheiro* em português pelo acusativo do latim vulgar) era um adjetivo que significava simplesmente "que é da cozinha", "que é relativo à cozinha", ou na sua forma abstrata, "que é de X" ou "que é relativo a X" (sendo X a base), que é seu significado básico. Como adjetivo, podia flexionar-se em masculino, feminino ou neutro, singular ou plural ou em quaisquer casos, gerando, em teoria, trinta e seis flexões distintas. O significado do sintagma

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

nominal, contudo, conduziu a uma simplificação por eliminação do substantivo (tido contextualmente como óbvio) que o transformou de adjetivos em substantivos. Esses substantivos se mostram bastante peculiares em muitas simplificações, formando, muitas vezes, o que chamamos de *galhos isolados* numa suposta árvore genealógica. Alguns desses galhos, porém, possivelmente devido à frequência de uso de determinadas palavras, serviram de *moldes* para outros neologismos. Esses neologismos, por sua vez, se devem a uma *reinterpretação* do significado da palavra de modo que uma parte desse significado foi atribuída ao significado do sufixo, mudando assim, sua carga semântica de tal modo que se torna detectável num estudo diacrônico. Por exemplo, *coquinarius* desligado de seu núcleo sintagmático subentendido (*vir*, *servus*), literalmente passa a significar "o homem/servo/escravo da cozinha", o qual se reinterpretou automaticamente como "o homem que trabalha na cozinha". Posteriormente, abstraiu-se um significado produtivo e gerador de neologismos "homem que trabalha em X" e, após novas abstrações ainda mais genéricas, "homem que V em X" e "Y que V em X", sendo X a base; V, um verbo apenas interpretável pelo conhecimento sincrônico compartilhado da língua entre os falantes e Y, o gênero (no sentido aristotélico) ou hiperônimo (na terminologia corrente da linguística) a que a palavra pertence.

A afirmação corrente de que os sufixos não têm significado advém, na verdade, de um lado, de um significado abstrato e, de outro, de uma interpretação do que julgamos ser a própria complexidade de seu significado, uma vez que não os entendemos como um conjunto de signos monossêmicos homônimos, mas como unidades polissêmicas que envolvem significados produtivos, significados não mais produtivos, significados advindos de convergência formal e galhos isolados. Apenas duas palavras no *corpus*

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

estudado ainda estão ligadas intimamente à sua forma adjetiva original: *ruđerarium cribrum* "peneira de cascalho (*rudus*)" (latim-3) e *capitarium aes*, que se parafraseia no próprio dicionário como *quod capi potest* (latim-4).

Um pouco mais distanciadas, estão *pulmentarium* "comida que serve de guisado" (Catão, latim-1); *diarium* "relação diária" (Asélio, latim-1); *mil(l)iarium* "pedra que marca uma milha" (Varrão, latim-1); *extermentarium* "roupa que se usa na massagem" (Varrão, latim-1), de um substantivo **extermentum*, provindo do verbo *extero* "fazer sair, esfregando"; *arenarium* "caminho de areia" (Vitrúvio, latim-2: na mesma sincronia, também se diz no feminino *arenaria*), *nefarium* "crime abominável" (substantivação neutra de *nefarius* "abominável" ← *nefas* "contrário às leis, sacrilégio)" (Tito Lívio, latim-2); *salarium* "porção de sal" (Plínio, latim-2) e *petrarium* "caminho de pedra" (Cipriano, latim-4) e, provavelmente, *tertiarium* "um terço" (Catão, latim-1), deadjetival de *tertius* "terceiro".

A escassez desse sentido básico, porém, não significa que sempre seja o que mais rapidamente deixa de existir. Da mesma forma, qualquer sentido derivado não deixa simplesmente de existir só porque se gerou uma especialização mais nova. Uma "árvore genealógica de sentidos" deve, portanto, ser entendida tridimensionalmente, mais como uma cordilheira, a qual, vista de cima, forma cadeias de montanhas, a despeito de possuírem pontos mais altos que outras. Os pontos altos seriam a proliferação de cada significado, embora ramificações com pouca proliferação possam sobrepujar outros, por um efeito gerado pela alta frequência de uso de alguns participantes. A proliferação e a frequência são dois fatores correlacionados que permitem a neologia, mas só adquirem um valor gerativo tão intenso e previsível quanto na sintaxe quando não há concorrências com outros sufixos. Insistir em ver quaisquer sufixos ou quaisquer sentidos de sufixos como disponíveis de geratividade, sem levar em conta a história e sem diferenciar as peculiares dos sentidos que compõem seu significado, equivale a aceitar listas de exceções, como na Gramática Tradicional, bem como princípios

estruturalistas de segmentação pouco compatíveis com os pressupostos teóricos de uma Gramática Gerativa.

SENTIDOS DERIVADOS

Como visto acima, *-arium*¹ é simplesmente a forma do neutro de adjetivos denominais latinos em *-arius*. Já o sentido básico dos substantivos em *-arium*¹ revela, desde cedo, alguns núcleos claramente definidos. Um dos mais antigos reflete um "local onde se V X": *gallinarium*, encontrado já em Plauto (latim-1), por exemplo, é o étimo da palavra *galinheiro* em português. O substantivo neutro com o qual o adjetivo concordava em gênero e que foi subentendido promoveu a translação do adjetivo *gallinarius* "de galinha" para o substantivo *gallinarium* "local onde estão/ se criam/ se guardam as galinhas". O verbo, por não estar explícito, precisa ser decifrado pelo ouvinte e, por isso, não são raros os casos de múltipla interpretação. Nessa translação, o sufixo herdou o núcleo semântico do substantivo subentendido (e perdido), promovendo, com essa incorporação, o contrário do fenómeno conhecido como gramaticalização. Obviamente, a primeira palavra que promoveu essa translação e essa transformação de sentido é impossível de ser localizada.

Dispomos, porém, apenas de indícios de como pode ter sido essas transformações de sentido, uma vez que o *corpus* estudado não é um dicionário etimológico e não se preocupa exatamente com a primeira ocorrência da palavra, mas as datas nele apresentadas podem servir de *terminus a quo*.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Exemplos: Da mesma forma que *gallinarium* (Plauto, latim-1), temos: *coc(h)learium* "local onde se criam caracóis (*cochlea*)", *columbarium* "local para criação de pombas (*columba*)"; *glirarium* "abrigo para arganazes (*glis*)", *turdarium* "lugar de criação de tordos (*turdus*)" (Varrão, latim-1); *aviarium* "local onde se guardam aves" (Cícero, latim-2), *apiarium* "colméia" (Aulo-Gélio, latim-3) para X referentes a animais (nesse caso, V pode ser interpretado como "criar"); *cetarium* "viveiro de peixes (*cetus*)" (Horácio), *suarium* "chiqueiro (←*sus*)" (Gloss), *viverrarium* "lugar onde se criam furões (*viverra*)" (Glos), *porcinarium* "chiqueiro" (Glos.), este último de *porcinus*, portanto, ou é deadjetival ou testemunha indiretamente um *porcinus* substantivo do latim vulgar.

Para plantas, há a interpretação V = "cultivar" em: *seminarium* "local onde se plantam sementes (*semen*)" (Catão, latim-1).

Outros: *pomarium* "pomar (de *pomum*)", *vir(i)d(i)arium* "horta" (do adjetivo substantivado *viridia* "verdura") (Cícero, latim-2), *rosarium* "campo de rosas" (Virgílio, latim-2), *plantarium* "viveiro de plantas", *ulmarium* "plantação de ulmos (*ulmus*)" (Plínio, latim-2), *cucumerarium* "plantação de pepino" (S. Jerônimo, latim-4), *malarium* "pomar (← *mala*)". A palavra *ulmarium* também pode ser representada por outro sufixo: *ulmetum* (gloss.), que equivale ao sufixo *-edo* (cf. *arvoredo*). Na forma *verdiarium*, encontrada nas inscrições, transparecem-se transformações fonéticas do latim vulgar (*ĩ > e*, síncope da pretônica).

Com V = vender, há *pomarium* "local onde se vendem frutas (*pomum*)" (Plínio, latim-2). Esse sentido se aproxima também do de *-aria* (cf. *calcearia* "sapataria", *furnaria* "padaria").

Outros exemplos: *scrutarium* "antiquário, adelo" (← *scruta* "velharias") (Gloss); *seplarium* "perfumaria" (← *seplarium* "tipo de perfume") (Gloss). O mesmo vale, como reforços tardios, como para *hastarium* "venda" (Tertuliano, latim-3), com cujo sufixo se reforça o significado já contido em *hasta* "venda".

Se, porém, V = guardar e as coisas guardadas são objetos, temos: *ærarium* "local onde se depositam coisas de bronze (*æs*)", *tabularium* "arquivo público (← *tabula*)" (Cícero, latim-2), *encautarium* "arquivo público (← *encautum*)" (Cod. Theod., latim-4). Nesse sentido, há uma convergência com o significado de *-arium*³ "conjunto de X" e com a forma feminina (ou neutra plural) *-aria*.

Outros exemplos: *armamentarium* "local onde se guardam armas" (Cícero, latim-2), *farrarium* "celeiro" (← *far* "farinha") (Vitrúvio, latim-2), *doliarium* "celeiro se guarda o

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

vinho em vasos (*dolium*)" (Gaio, latim-3), *cinerarium* "sepultura, i.e. lugar onde se guardam as cinzas (*cinis*)" (CIL); *farinarium* "celeiro" (Gloss) (← *farina*).

Se V é entendido no sentido abstrato máximo, de "haver, se encontrar", as paráfrases se tornam mais abertas. Por exemplo, com bases referentes a animais, também se pode interpretar V tanto como "haver" quanto como "caçar": *vivarium* "local de caça" (← *vivus* "ser vivo, animal") (Sêneca, o moço, latim-2). Também se pode dizer o mesmo para *mellarium* "colméia (← *mel*)" (Varrão, latim-1), *ostrearium* ou *ostriarium* "local onde há ostras/ onde se coletam as ostras" (Plínio, latim-2).

Outros exemplos: *aquarium* (Catão, latim-1) "onde há água", *trigarium* "campo de corrida de trigas" (Plínio, latim-2), *emissarium* "escoadouro", i.e. "local onde estão as coisas jogadas fora (*emissa*)" (Cícero, latim-2); *sacrarium* "local onde há coisas sagradas (*sacra*)" (Cícero, latim-2); *clipeolarium* "depósito de pequenos escudos (*clipeolum*)" (Notas Tiron., latim-2); *immissarium* "reservatório", i.e. "local onde as águas são jogadas dentro" (← *immissa*) (Vitrúvio, latim-2), *cloacarium* "local onde há esgoto" (← *cloaca*) (Ulpiano, latim-3), *roborarium* "paliçada" (← *robur* "carvalho") (Vulgata, latim-4), *scænarium* "local da cena (*scæna*)" (CIL), *subseliarium* "local onde ficam os bancos (*subselia*) dos magistrados no teatro" (CIL), *obrendarium* "sepultura" (← *obrendarius* "relativo à inumação" ← **obruendarius* ← *obruendus* ← *obruo* "recobrir, esconder") (Inscr); *ollarium* "nicho de sepultura" (← *olla*) "urna funerária" (Inscr); *sacomarium* "peso público" (← *sacoma* "contrapeso") (Inscr) .

Como se pode observar, a noção de "local" é ,portanto, bastante ampla, podendo referir-se tanto a ambientes naturais quanto a construções feitas pelo homem.

Exemplos: *cal(i)darium* "forno, caldeira, caldeirão" (Sêneca, o moço, latim-2), cuja base *calidum* "calor" é parafraseável como "local/ construção onde se produz/ há calor" ou em *viscarium* "armadilha, i.e. laço/local onde se usa visco (*viscum*)" (Sto. Agostinho, latim-4). Aparentemente, o sufixo em questão não distingue essas duas possibilidades. Outros exemplos: *granarium* "local onde se guardam grãos" (Plauto, latim-1), *saginarium* "local onde se faz a engorda (*sagina*) dos animais" (Varrão, latim-1); *donarium* "local onde se depositam as oferendas (*donum*)" (Virgílio, latim-2), *vigil(i)arium* "guarita, i.e. lugar onde se faz a guarda (*vigilia*)" (Sêneca, o moço, latim-2), *spoliarium* "local onde se colocam os despojos dos animais (*spolium*)" (Sêneca, o moço, latim-2, usado com sentido da palavra alterado "lugar onde se colocam os corpos dos gladiadores"), *fumarium* "quarto onde há fumaça (*fumus*), i.e. para defumar" (Columela, latim-2), *palearium* "local onde se guarda a palha" (Columela, latim-2), *sanctuarium* "local onde ficam as coisas sagradas" (Plínio, latim-2, com uma vogal temática –u–: o significado geral dessa palavra mudou-se no período clássico) e *pilarium* "local onde se colocam urnas funerárias" (← *pila?*) (Inscr).

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Desses casos, derivaram-se certamente paráfrases complexas pouco produtivas:

"local onde se V Y de X", da qual participa *nubilarium* "local onde se guarda/ protege o trigo da chuva (←*nubilum*)" (Varrão, latim-1).

Além desse, a forma *frig(i)darium* (Lucílio, latim-1) "local frio", deve ser entendido como "lugar onde há frio", permitindo tanto a leitura "Y onde há X" (*frigidum*, denominal) quanto "Y que é/está X" (*frigidus*, deadjetival): ambas leituras, porém, estão bem próximas ainda do valor básico, assim como *solarium* "relógio solar" (Plauto, latim-1), *æstuarium* "local de grande calor (*æstus*)" (César, latim-2), *tepidarium* "sala de banhos quentes" (←*tepidus*, portanto, claramente deadjetival) (Vitrúvio, latim-2), *summarium* "sumário, abreviação" (← *summus* "superfície") (Sêneca, o moço, latim-2). Outro caso semelhante é *laniarium* "açougue" (Varrão, latim-1), cujo significado do sufixo concorre com *-aria*, i.e, "local do açougueiro (*lanius*)" e pode ser entendido também pelo sentido básico e, provavelmente. É o caso de *custodiarium* "guarita" (Tertuliano, latim-3), onde fica o guarda (*custos*).

Mais complexo, pois não dispomos da base, mas certamente do mesmo grupo é *collivarium* "canal" (Vitrúvio), que provém de uma base **collivium* (< **con-lav-ium*). Por vezes, a base remonta a um período pré-literário, mas a forma se contrapõe ao adjetivo correspondente (de onde pode talvez se ter originado). É o caso de: *veterinarium* "local onde se cuida das bestas" (Higino, latim-2), equivalente neutro do adjetivo deadjetival *veterinarius* (de *veterinus*) e de *valetudinarium* "hospital, enfermaria" (Sêneca, o moço, latim-2), correspondente a *valetudinarius* "doente", de *valetudo* "(má) saúde". O termo *præsidarium* "posto militar" (Notas Tiron., latim-2) pode derivar diretamente do adjetivo *præsidarius* "designado como guarda" (← *præsidium* "proteção, defesa"). Um deverbais pode ser flagrado em *prompt(u)arium* "armário, loja" (Apuleio, latim-3), equivalente a *promptuarius* "onde se conserva", derivado do particípio *promptus* do verbo *promō* "abrigar". O mesmo se vê em *secretarium* "local ermo" (Apuleio, latim-3), ligado ao particípio *secretus*, do verbo *secerno* "separar", *destrictarium* "local de massagem" (CIL), baseado no particípio *destrictus*, do verbo *destringo* "esfregar".

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Outros exemplos: *legatarium* "legado, doação" (Schol. Juv.) paralelamente a *legatarius* "aquele a quem se faz uma doação" e *cruciarium* "crucificação" (Comodiano, latim-3), ao lado de *cruciarus* "crucificado" (← *crux*). Talvez ao mesmo grupo se integre *scutarium* "cargos de escudeiro" (Carísio, latim-3), equivalente neutro a *scutarius* ("escudeiro"), por sua vez um adjetivo substantivado e *igniarius* "que dá o fogo" (Plínio, latim-2) cf. *igniarius* "de fogo" < *ignis*.

A ampla interpretação de Y e de V pode dar margem a várias criações lexicais: assim, *carnarium* é "gancho onde se pendura carne" (Plauto, latim-1), *vinarium* é "vaso onde se coloca o vinho" (Plauto, latim-1) e *panarium* "cesto onde se coloca o pão" (Varrão-1). O Y = local pode, em cada vocábulo, refletir um gênero específico de objetos e geral alguma produtividade.

Outros exemplos: Y = caixa em *librarium* "caixa de papéis, i.e. onde se guardam livros (*liber*)" (Cícero, latim-2); Y = estojo em *graphiarium* "estojo onde se guardam os estilos" (Marcial, latim-2) ou em *pennarium* "estojo onde se guardam as penas" (Teodoro Prisciano, latim-3); Y = aparelho, em: *vaporarium* "calorífero, i.e. aparelho onde se produz vapor" (Cícero, latim-2) ou *muscellarium* "ratoeira" (← **muscellus* "ratinho" em vez de *musculus*) (Gloss): no mesmo caso, como reforço, talvez explique o sufixo aparentemente vazio *ballistarium* "besta (arma)" (← *ballista* "besta") (Plauto, latim-1), se não se trata de um antigo diminutivo.

Alguns gêneros podem apresentar alguma produtividade, como é o caso do gênero "vaso" que pode ter dado azo à formação, por exemplo, de *oss(u)arium* "vaso/urna onde se depositam os ossos" (Ulpiano, latim-3).

Outros exemplos: *fabatarium* "vaso onde se cozem as favas" (← *fabata* "purê de favas") (Lâmprias, latim-3), *unguentarium* "vaso para perfumes (*unguentum*)" (S. Agostinho, latim-4), *congiarium* "vaso que contém um *congius* (unidade de medida)" (Digesta, latim-4), *atramentarium* "tinteiro, i.e. vaso em que se guarda a tinta negra (*atramentum*)" (Vulgata, latim-4), *chrismarium* "vaso de relíquias" (← *chrisma* "unção"); *salsarium* "recipiente onde se põe o molho" (← *salsus* "comida condimentada") (Apício, latim-4). Esse desenvolvimento gerará em português vários significados de *-eiro* (*saleiro*, *açucareiro* etc.). Talvez aqui se encontre alguma explicação para *mortarium* "pilão" (Plauto, latim-1), de base obscura.

Vários dos exemplos acima também podem ter uma interpretação final ou instrumental ("Y onde se V X" >> "Y para se V X" ou "Y com que se V X"), que ocorre quando não é mais possível uma interpretação locativa.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Exemplos: *muscarium* "mata-moscas" (Virgílio, latim-2), a saber "objeto com que se matam moscas", *sudarium* "lenço (com que se seca o suor)" (Catulo, latim-2). Nesse último caso, encontra-se um deverbais (←*sudo*), bastante incomum nesse período, mas também presente em *battuarium* "instrumento para socar" (←*battuo*). Uma interpretação final se encontra em *horarium* "relógio" (Censorino, latim-3), *orarium* "lenço para secar o rosto (os)" (Sto. Agostinho, latim-4) ou em *bracchionarium* "bracelete, i.e. objeto para se usar/ enfeitar o braço", que possui um curioso interfixo –on– (←*bracchium*). Deste mesmo subgrupo pertence, provavelmente *salivarium* (ou *salibarium*) "freio/brida do cavalo" (← *saliva*) (Diocleciano).

Raramente mais de um elemento é explicitado e isso só ocorre em formações compostas e derivadas tardias. Temos em *aquimanarium* ou *aquiminarium* "bacia onde se coloca a água nas mãos" (Ulpiano, latim-3) algo como "Y em que se V X¹ em X²" e em *ceroferrarium* "candelabro, i. e. objeto em que leva a cera" (Gelásio, latim-4), algo como "Y em que se X^v X". Tais construções não são produtivas e devem ser decalques do grego.

Outro gênero que se desenvolve dessas palavras é o de "móvel": *armarium* "local onde se guarda os utensílios (*arma*)" (Plauto, latim-1).

Exemplos: *urnarium* "armário/mesa em que se depositam as urnas" (Varrão, latim-1), *paenularium* "armário para manto com capuz (*paenula*)" (Nóvio, latim-2); *vestiarium* "armário de vestes" (Plínio, latim-2), *chartharium* "arquivo" (←*charta*) (S. Jerônimo, latim-4), *ca(m)psarium* "armário de vestimentas" (←*capsa* "caixa"?) (Gloss).

A forma neutra, em algum momento, fez que –arium passasse a referir-se a dinheiro: impostos, multas e prêmios, que é um segundo subtipo de derivação a partir do sentido básico. O mais antigo é *vasarium* (Catão, latim-1) "custo da locação de uma prensa de azeitonas". A relação entre V e X pode ser complexa, possibilitando diversas regências, como se pode ver nas paráfrases.

Outros exemplos são: *columnarium* "imposto por coluna", *cerarium* "imposto da cera" (Cícero, latim-2); *ostiarium* "imposto afixado nas portas" (César, latim-2); *linguarium* "multa por ter língua grande" (Sêneca, o moço, latim-2); *honorarium* "soma paga para o novo titular de um cargo" (← *honor* "testemunho de consideração e de estima, homenagem") (Plínio, o moço, latim-2), *locarium* "preço de um terreno" (Vitrúvio, latim-2); *clavarium* "indenização referente aos pregos (*clavus*) dos sapatos"

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

(Tácito, latim-2); *unguentarium* "dinheiro para comprar perfume" (Plínio, o moço, latim-2), *calcearium/ calciarium* "indenização concedida para a compra de sapato" (Suetônio, latim-2); *octavarium* "imposto do oitavo" (Cod. Justin., latim-4), *pararium* "pagamento dobrado de um cavaleiro que tem dois cavalos" (← *par*) (Paulo de Festo latim-4), *solarium* "imposto predial (i.e, relativo ao *solum*)" (Digesta). No CIL encontram-se ainda outros: *exsequiarium* "dádiva feita na ocasião das exéquias (*exsequiæ*)", *foricarium* "imposto aduaneiro (i.e, *foricula*)", *cisiarium* "abatimento para carroças (*cisium*)", *scamnarium* "direito a um banco (*scamnum*)". Nas inscrições: *rotarium* "pedágio por roda", *pittacarium* "custo de uma permissão (cf. *pittacium* 'pedaço de couro ou de pergaminho')". A palavra *palmarium* "prêmio da vitória" (Gloss), o sufixo é um reforço de *palma*, com o mesmo sentido. O mesmo ocorre com o termo *missarium* (Schol. Juv.) "prêmio de combate ", que equivale a *missum*. Aparentado a esse grupo talvez seja *heminarium* "dádiva pesando uma *hemina* (medida de capacidade)" (Quintiliano, latim-3).

Além desse, um dos sentidos adjetivais que será mais produtivo nas línguas românicas, sobretudo no português, é uma especialização para o significado de vegetal, sobretudo árvores frutíferas. Esse fenômeno já desponta no latim vulgar, em que, por meio da elisão do substantivo, ocorre a incorporação do valor semântico "árvore" pelo sufixo, como em *arbor piraria* > *piraria* > *pereira*. O valor de X é, preponderantemente, um fruto, mais raramente uma flor ou outra parte do vegetal. Os substantivos *-arium* neutro não é, porém, produtivo, mas no *corpus* flagram-se dois casos interessantes em palavras relativamente antigas, que, talvez denunciem uma produtividade abortada: *vitiarium* "vinhedo" (← *vitis* "vinha") (Catão, latim-1); *violarium* "pé de violeta" (← *viola* "violeta") (Virgílio, latim-2). Dos sentidos básicos nascem várias palavras de difícil paráfrase, uma vez que seus gêneros nem sempre nos dão pista de sua pertinência a algum dos sentidos já apresentados ou se formam, eles mesmos galhos isolados:

Exemplos de deverbais de formação complexa: *auctarium* "excesso, sobra, demasia" (← *auctus*, particípio do verbo *augeo* "crescer") (Plauto, latim-1), *tectarium* "tampa" (← *tectus*, particípio do verbo *tego* "cobrir") (Catão, latim-1), *torcularium* "prensa, lagar" (← *torqueo*, com interfixo *-ul-*) (Catão, latim-1), *compendiarium* "caminho mais curto" (← *compendo* "resumir") (Sêneca, o moço, latim-2); *incinerarium* "ação de frisar em ferro quente" (← *incinero*) (Carísio, latim-3) Denominais de

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

formulação obscura são: *topiarium* "obra do jardineiro decorador (*topiarius*)" (←*topia* "paisagem") (Plauto, latim-1); *dictabolarium* "dito picante, sarcasmo" (Labério, latim-2); *terrarium* "elevação de terra" (Inscr); *pessarium* "chumaço de linho (para feridas)" (Teodoro Prisciano, latim-3); *motarium* "linho (para feridas)" (Célio Aureliano, latim-4); *elect(u)arium* "preparado farmacêutico" (Plínio Valeriano, latim-3); *levitonarium* "vestimenta sem manchas usada pelos monges egípcios" (Isidoro, latim-4); *lucernarium* "momento em que se alumiam as lâmpadas" (←*lucerna*) (Sto. Agostinho, latim-4); *sagmarium* "carga posta numa albarda" (←*sagma*) (Sérvio, latim-4); *sacramentarium* "ritual para a administração dos sacramentos" (Genádio, latim-4); *rationarium* "estatística, estado (de algo)" (← *ratio* do part. *ratus*, do verbo *reor*) (Suetônio, latim-2).

CONCLUSÃO

Numa árvore genealógica de um sufixo como *-arium*, dentro de qualquer recorte sincrónico, conviverão sentidos antigos, metáforas, metonímias e especializações, cada qual, porém provinda de sincronias pretéritas distintas, mas que, entendidas de outro modo, dão o aspecto de algo caótico. A polissemia sufixal deve, porém, ser entendida como o resultado inevitável do movimento da língua, suas convergências e bifurcações. O conceito de um *sistema linguístico*, historica- e geograficamente definido por suas características excludentes, se sustenta pouco, tanto na pesquisa diacrônica quanto na literatura da linguística cognitiva, da semântica e da sociolinguística. Línguas de contato e línguas de prestígio exercem pressões de variada intensidade, sob um certo sistema definido, em diferentes recortes sincrónicos, as quais, alavancadas pela forças estilísticas, estão sempre prestes a gerar subsistemas linguísticos. Nessa perspectiva neoschuchardtiana, nenhuma intersecção desses sistemas equivale à *langue* saussuriana.

A realidade de uma língua, politicamente definida, dessa forma é, sobretudo, diacrônica e diatópica. A produtividade de um sufixo ao gerar a sua mobilidade pode ser

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

entendida ou como o acúmulo de formas sobreviventes ou como sua potencialidade gerativa, a qual varia, não de sufixo para sufixo, mas de acepção para acepção dentro do mesmo sufixo. Desse modo, especializações de *-arium* criadas no bojo do próprio latim serão mais ou menos prolíficas. Como a capacidade gerativa é inversamente proporcional ao número de sufixos concorrentes, é possível observar uma grande diferença dependendo de cada sentido que compõe o significado total do sufixo. O fenômeno da especialização, dessa forma, está associado a uma teoria estilística e a uma teoria da divulgação de fenômenos linguísticos, sobretudo no caso de conceitos novos e de formas novas (neologia). O conflito de formas concorrentes altera a produtividade, gera arcaísmos ou adiciona à forma mais antiga uma especialização valorativa (sobretudo a pejoratividade). Nesses casos, a geratividade nem sempre pode ser avaliada e a lista de exceções sob um viés rigorosamente sincrônico se torna mais patente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

NIDA, Eugene A. *Morphology: the descriptive analysis of words*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949² [1946¹]

RIO-TORTO, Graça M. O. S. *Formação de palavras em português: aspectos da constituição da construção de avaliativos*. Tese de doutorado. Coimbra, 1993.

RIO-TORTO, Graça M. O. S. *et alii* (org.) *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Almedina, 2004.

VIARO, M. E. *Os sufixos -eiro e -ário: história de morfemas divergentes*. In: Anais do I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH USP, 2008

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

VIARO, M. E. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos -*eiro/-eira* na língua portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis et alii (org) *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia, sintaxe*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2007, Série Trilhas lingüísticas n. 12, p. 45-84.